

JORNAL: ESTADO S. PAULO LOCAL: SÃO PAULO

DATA: 24/6/1961 AUTOR: _____

TÍTULO: ASPECTOS NEGATIVOS DO SALÃO NACIONAL

ASSUNTO: CRITICA POSITIVA AO IVAN NO X SALÃO NACIONAL

O ESTADO DE S. PAULO — SABADO, 24 DE JUNHO DE 1961

Artes plasticas

Aspectos negativos do Salão Nacional

O X Salão Nacional de Arte Moderna, criado pela lei 1.512, de dezembro de 1951, reflete, nestes trinta anos, o caminho de uma longa evolução, trazida no bojo da renovação artística, que o movimento revolucionário de 1930 foi o primeiro a legalizar, quando admitiu a entrada, em 1931, no Museu Nacional de Belas-Artes, em seu Salão anual, dos modernos... Entretanto, se se passaram vinte anos, até 1951, para que um Salão moderno funcionasse, hoje essa designação está superada. Impõe-se que um Salão Nacional de Artes Plásticas elimine a divisão existente, porque o "de Arte Moderna" implica a existência do outro, o salão acadêmico, que a revolução de 30 não teve coragem de acabar, e que a lei de dezembro de 1951, primeiro referida, permitiu que continuasse.

Um dos trabalhos urgentes do Conselho Nacional de Cultura, pela sua Comissão de Artes Plásticas, consistirá em intervir na legislação nova que anda em projeto no Legislativo, e que pode ser votada dum momento para outro. Deve fazê-lo, para acabar com o salão acadêmico e dar uma estrutura, atualizada e racional, ao Salão Nacional de Artes Plásticas, "tout court". Será preciso, como é claro, ferir-se o "direito adquirido", tantas vezes alegado pelos que gozam da "isenção de juri" nos dois salões. A legislação terá, como um de seus fins, o de acabar com essa situação privilegiada.

Mas, também, os jurís precisam revestir-se de uma isenção difícil de ser conseguida. Dizia-nos Rodrigo Melo Franco de Andrade, o veterano diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e presidente da Comissão Nacional de Belas-Artes, a ser extinta, igualmente, que os jurís sofrem de intermitências, acompanhando ou liderando tendências, e, nessas condições, causando uma desorientação, tanto perante o público como no meio artístico, que se via ora apoiado num sentido, ora noutro, ora ainda conduzido dentro de um critério eclético, que foi o que vigorou neste X Salão Nacional de Arte Moderna, cujos prêmios acabam de ser atribuídos. E para demonstrar precariedade do juri, bastanos referir que o deste ano, composto pelos srs. Bustamante Sá, Carlos Cavalcanti e Geraldo Ferraz, chegou a atribuir a Mario Carneiro, um excelente gravador, uma segunda "isenção de juri", como se não lhe bastasse a que já tem... O caso não é de maior monta, mas revela, ao menos, uma falta de verificação da situação em que se achava o gravador Mario Carneiro, e os perigos de uma formação heterogênea ou apressada do juri.

Por outro lado, os dois grandes prêmios de pintura, que não lograram unanimidade do juri, cabendo aos srs. Ubi Bava e Carlos Magano, distinguiram dois professores da Escola Nacional de Belas-Artes, o que, positivamente, não indica uma escolha da melhor perspectiva, para a finalidade dos prêmios de Viagem ao Estrangeiro e ao País. Concorrentes aos prêmios, como os que mais o sejam, aqueles dois nomes monopolizaram para a Escola a atenção do juri.

Felizmente, devemos acreditar que essas coisas vão acabar. A reforma que o Conselho Nacional de Cultura tem obrigação de fazer, de alto a baixo, na estruturação das instituições artísticas e culturais, abrange, certamente, a liquidação de tais problemas, cujas soluções a Nação paga, e paga muito bem, no caso dos Prêmios de Viagem, nem sempre remuneradores, quanto aos resultados obtidos...

Não é o caso, digamos logo, do pintor Ivan Serpa, que agora torna de viagem e de reformulação do problema plástico que enfrentava, e que concorreu, neste Salão, com os primeiros resultados de seus trabalhos após o Prêmio, antes de expor, em agosto, no Museu de Arte Moderna do Rio, como está programado. Ivan Serpa traz-nos uma vigorosa afirmação de seu novo meio expressivo, na concepção e na técnica, e só se lhe reconhecerá, nestas

três telas expostas, o mesmo cuidado de limpeza e de execução que o fazia tão diferente de seus pares, na tendência a que pertencia, ou fora dela. Uma pintura viva, acida, solta em liberdade exuberante, arma as suas dinâmicas sugerências com uma força palpitante, na marcação dos ritmos captados e amalgamados no espaço, não raro fechado. Essa a grande revelação premiada, também, no X Salão Nacional de Arte Moderna, que possui outros aspectos aos quais voltaremos.

instituto de estudos contemporânea